RESENHAS

A MULTIPLICIDADE DOS MITOS ANTIGOS NUM MODERNO ROMANCE-ENCICLOPÉDIA

As núpcias de Cadmo e Harmonia de Roberto Calasso.

Loredana Caprara

E como é que tudo começara? Tudo se repete, tudo retorna.

Repetidas muitas vezes, desde o início do romance, essas frases, emblemáticas de um tipo de narração que tem como objetivo a multiplicidade seriada das histórias e sua múltipla variação à procura das origens dos mitos gregos, sintetizam o conteúdo de As núpcias de Cadmo e Harmonia, de Roberto Calasso. O romance, publicado na Itália em 1988 e traduzido para o português em 1990, é algo mais do que uma douta coletânea de mitos procurados nos poetas e pensadores gregos e latinos, é uma reflexão sobre os percursos contraditórios do caminho para a civilização.

Romance e não ensaio como foi definido por alguém. Embora manifeste interesse pelas interpretações do sentido que atribuímos à vida, acumuladas ao longo dos séculos, e indique, no fim, uma vasta bibliografia de autores clássicos, o livro estende-se em detalhadas narrações ficcionais que prendem a atenção do leitor. O interesse do escritor está nas fábulas narradas, ligadas entre si de forma a constituir um conjunto estruturado, ainda que modular e aberto, o que se tornou bastante freqüente na narrativa contemporânea. Dos tantos livros semelhantes que poderia citar, aqui lembro apenas, O dicionário Kazar, de Milorad Pavitch, que com As núpcias de Cadmo e Harmonia tem alguns pontos comuns: a multiplicidade e a repetição das histórias narradas e seu afastamento num tempo mítico.

Mas, qual a significação deste romance e a mensagem que oferece, neste tempo tão afastado do mundo dos mitos clássicos? Já disse que não se trata de um ensaio, nem de um livro místico que explore o aspecto de interiorização própria de algumas crenças antigas, e a atração que exerce sobre os leitores nada tem a ver com atitudes pseudo-religiosas. Em sua

totalidade, o livro aponta para duas direções: a primeira, mais leve, é o senso do jogo, que reconhecemos na repetição e no cruzamento das fábulas; a segunda, alude à violência: violência de amores rápidos de deuses e heróis, seguidos de abandono, sofrimento, morte; violência na exigência de sacríficios sangrentos, nas vinganças e na procura do poder.

Essa violência, que está na base de nossa civilização, é simbolizada pelo deus touro dos cretenses, força gerativa que não admite obstáculos a seu desejo, força à qual se dobram as figuras femininas, que se alternam no texto, ora submissas ora participantes, mas sempre sofredoras e vencidas, imagem dos oprimidos de todos os tempos, com suas esperanças, suas tentativas de libertação, sua resignação e derrota final. O mito é história coletiva, resume em si as experiências dos povos, mas para a mesma significação pode apresentar variações discursivas relevantes, desdobrando-se em histórias paralelas sobre uma mesma personagem ou sobre personagens diversas. A insistência da repetição reforça o conteúdo da mensagem.

As figuras do mito vivem muitas vidas e muitas mortes, diversamente das personagens de romance, sempre vinculadas a um só gesto. Mas em cada uma dessas vidas e dessas mortes participam todas as outras e delas ressoam. Podemos afirmar ter superado o limiar do mito somente quando identificamos uma imprevista coerência entre elementos incompatíveis. Abandonada em Naxos, Ariadne foi atravessada por uma flecha de Ártemis por ordem de Dionísio, testemunha imóvel; ou seja, Ariadne enforcou-se em Naxos depois de ter sido abandonada por Teseu; ou seja, grávida de Teseu e náufraga em Chipre, ali morreu das dores do parto; ou seja, Ariadne foi alcançada em Naxos por Dionísio com seu cortejo e com ele celebrou núpcias divinas antes de subir ao céu, onde até hoje podemos vê-la entre as constelações setentrionais... Tudo isso é Ariadne (p. 21).

O romance não conta apenas a história de Ariadne. Inicia com o rapto de Europa pelo touro divino que tem o nome de Zeus. Em seguida relembra Io, antepassada de Europa, transformada em novilha pelos ciúmes de Hera, esposa do mesmo Zeus. Narra a história de Pasifae, descendente de Io e de Europa e mãe de Fedra e de Ariadne, apaixonada por outro touro, que entra numa vaca de madeira para se unir a ele.

Ariadne quer fugir ao destino que a quer submissa à violenta tradição de sua terra. Apaixona-se por um ateniense, e sonha viver ao lado dele uma esperança de liberdade. Então ajuda-o a matar o meio-irmão com cabeça de touro fechado no labirinto e foge com ele. Mas é abandonada numa ilha

deserta onde finalmente aparece Dionísio, o deus da alegria, o deus novo, de um povo diferente e mais humano. A esperança renasce:

Inútil chorar quando se tem um deus ao lado... mas isso também dura pouco: um deus jamais será presença constante (p. 18).

O problema que esses mitos todos evidenciam é um problema maior, ligado à natureza dos seres humanos que procuram segurança e estabilidade num mundo que não as tem, e ligado também às características dos sexos; para a mulher,

aquela capacidade de amar para sempre era uma condenação, impedia qualquer esperança de fugir ao seu cerco, à sua coroa fulgurante (p. 19).

O episódio inicial, o rapto de Europa por Zeus em forma de touro, liga-se ao episódio final: as núpcias de Cadmo e Harmonia e a grande festa a que todos os deuses estão convidados, pela última vez junto com os heróis, na terra dos homens. Cadmo é irmão de Europa. Enviado pelo pai à procura da irmã desaparecida na garupa do touro, encontra Zeus ameaçado pelo monstro Tifeu e, com sua música, adormece o monstro e faz com que o deus se salve. Como recompensa, obtém a promessa de casar com Harmonia, filha de Afrodite. Mas, infelizmente, o domínio harmonioso sobre os elementos é a mais precária das formas (p. 252), e o casal feliz que se atreveu a convidar os deuses para suas núpcias deve enfrentar terríveis desventuras. De fato, como diz Calasso,

convidar os deuses destrói as relações com eles, mas põe a história em movimento... uma vida à qual os deuses não estão convidados não vale a pena ser vivida (p. 266).

Assim Cadmo situa-se entre duas eras: pertence à série dos heróis mais antigos, que conviveram com os deuses, matadores de monstros e fundadores de cidades, mas é também o homem que dá início à civilização, o inventor do alfabeto. O conhecimento da escrita permitirá que o destino dos heróis seja transmitido pela poesia às gerações futuras e abrirá aos homens, junto com inúmeras possibilidades de desenvolvimento intelectual, a porta da história.

Entre os heróis que Calasso recorda, muitos são aqueles cujas proezas remetem ao modelo de um deus. Como os homens imitam os heróis, assim os heróis imitam os deuses. A narração passa de um heroi a outro, de um a outro

deus, deslocando-se em tempos e em espaços diferentes, em seqüências puramente analógicas. Abrange múltiplas realidades, das origens míticas do mundo à história fabulosa que nos é contada pelos primeiros historiadores, às obras dos poetas e dos filósofos, utilizando freqüentemente as próprias palavras dos autores antigos. Na reelaboração e reestruturação dos contos míticos, Calasso revela-se escritor enciclopédico que retrata o aspecto multifacetado de seu universo, na linha mestra daqueles escritores de que nos fala Calvino em seu ensaio sobre a *Multiplicidade* em Seis propostas para o próximo milênio.

Como as obras primas de que nos fala Calvino, também o romance de Calasso tem uma

estrutura acumulativa, modular, combinatória, sua totalidade é potencial, conjectural, multíplice, garantia de uma verdade que não seja parcial (*Multiplicidade*).

As muitas histórias, de que é formado o romance, se seguem e se cruzam, criam um quebra-cabeça, uma grande rede, que em seu conjunto esconde a significação completa da obra, ligada à multiplicidade dos possíveis. Esses possíveis são os mitos que o autor procura reunir, como fizeram alguns escritores antigos, por exemplo Ovídio, que é um dos modelos de Calasso. Também Calvino detém-se na obra do escritor latino em que encontra não apenas multiplicidade, mas principalmente leveza no jogo contínuo das transformações.

Em Calasso, a atenção dirigida à violência faria o discurso optar pelo peso, se uma parte deste peso não fosse neutralizada no emaranhado das fábulas e no jogo das citações.

Mas, conforme explica o escritor, a multiplicidade das histórias míticas depende, em primeiro lugar, do fato de não haver na Grécia antiga uma casta sacerdotal incumbida de preservar a verdade e, em segundo lugar, da liberdade de cada escritor clássico – fosse ele Píndaro ou Ovídio – de recompor as fábulas, cada vez de um modo diferente, omitindo ou acrescentando, desde que as novas variantes fossem raras e pouco visíveis (p. 195). Desta maneira, os mitos continuam crescendo e proliferando e o próprio Calasso não só se encontra diante de um material muito variado, como se sente autorizado a continuar neste trabalho de ampliação, juntando fontes clássicas e intuições modernas, por exemplo, interpretações psicanalíticas, sob condição, naturalmente, de manter certa coerência no conjunto.

Citando versos e frases e reclaborando os textos dos poetas antigos, Calasso compõe seu romance-enciclopédia sobre o universo mítico, desde as origens até o período final da civilização grega, e nele descobre semelhanças e oposições, paralelismos e variações. Suas reflexões servem como pausas e conexões.

Tudo se repete, tudo retorna, mas sempre com alguma ligeira distorsão de significado (p. 172). Não existe evento mítico isolado — sublinha o autor — como não existe uma palavra isolada.

Mito é linguagem, narração, pensamento. É, aliás, a pré-história do pensamento lógico, um pensamento ainda figurativo, que se manifesta nas fábulas e em sua comparação, antes do surgimento da racionalidade abstrata. A necessidade de comparar, encontrando semelhanças e diferenças, faz com que a narração proceda por blocos de histórias afins.

Por isso, do rapto de Europa, o escritor quer remontar às origens dos mitos, a Io, a Hera, a Zeus, isto é aos arquétipos ancestrais, e repetidamente pergunta-se: como é que tudo começara?

Tudo começou com o sonho do homem de transpor os limites de sua natureza e de sua condição — parece responder o escritor — o sonho de sentir-se livre e poderoso como um deus, de encontrar sua realização em algo que lhe permita acreditar em si próprio. Um sonho belíssimo, logo projetado na realidade distante dos deuses e dos heróis, cujo lado egocêntrico e violento, que, não esqueçamos, pertence aos homens, é exorcizado apenas pelo fato de ser expresso mediante palavras e fábulas.